

## DA UNIPessoALIZAÇÃO / IMPessoALIZAÇÃO À PEssoALIZAÇÃO VERBAL (E VICE-VERSA)

Valter Kehdi  
USP

A distinção que se estabelece entre os verbos impessoais, sempre empregados na terceira pessoa do singular, sem sujeito, e os unipessoais, também usados na terceira pessoa, porém com sujeito representado por substantivo ou por oração, fundamenta-se no fato de estes últimos apresentarem sujeito explícito e, no caso de ser um substantivo plural, o verbo aparecer na terceira pessoa do plural, em virtude da concordância. Entretanto, neste artigo, não há necessidade de insistirmos nessa diferença, pois o processo que enfocaremos é igualmente aplicável a um ou a outro tipo de verbo.

Embora a passagem de verbos unipessoais/impessoais a pessoais (e vice-versa) não tenha passado despercebida aos nossos gramáticos, é de notar-se a falta de um estudo amplo e sistemático desse interessante fenômeno.

No domínio da lingüística românica, M.-Lübke deu um certo destaque a esse fato<sup>1</sup>, atendo-se, contudo, a distinções de base semântica ou à simples enumeração de verbos.

Aqui, fixar-nos-emos nos verbos da língua portuguesa (o que não significa que algumas conclusões não sejam aplicáveis a outras línguas românicas), utilizando, como ponto de partida, um levantamento realizado no *Dicionário Prático de Regência Verbal*, de Celso P. Luft. A proposta de uma sistematização baseia-se no exame dos verbetes arrolados, dos quais destacamos, abaixo, os mais representativos.

A deslocação do sujeito de certas orações subordinadas substantivas reduzidas de infinitivo para a esquerda do verbo da oração principal pode favorecer a pessoalização, associada a um processo de auxiliarização. É o caso de *parecer*, basicamente unipessoal:

*Parece / as estrelas sorrirem* (verbo + oração subjetiva)

*As estrelas / parece – sorrirem*

*As estrelas parecem sorrir* (note-se, aqui, que o caráter de auxiliar de *parecer* impede a flexão do infinitivo seguinte).

A unipessoalidade de *parecer* é patente quando a oração subjetiva é conjuncional:

*Parece que as estrelas sorriem.*

Nesta construção, pode dar-se, também, a antecipação do sujeito da subordinada, mas o verbo *parecer* conserva seu caráter de unipessoal:

As estrelas *parece* que sorriem.

Esse fato sugere que a pessoalização, no exemplo acima, resulta do contato com o infinitivo, ou seja, está intimamente associada à auxiliarização. Observemos, contudo, que, mesmo aqui, essa pessoalização não é obrigatória (embora mais freqüente), ainda que se dê a antecipação do sujeito: As estrelas *parece* sorrirem (frase em que *parece* não é auxiliar).

O emprego de *parecer* como verbo de ligação é derivado da elipse dos infinitivos *ser* / *estar*:

Parece / a solução *ser* boa

A solução parece *ser* boa

A solução parece boa

Apesar das reservas feitas a certas explicações por elipse, a observação acima não visa à apresentação de um quadro homogêneo; encontram-se, nos clássicos, exemplos de *parecer* seguido de *ser*:

"Se espancas os cães da vinha, *pareces ser* também ladrão" (Man. Bern., *Luz e Calor*, p.231).<sup>2</sup>

Também é unipessoal o verbo *faltar* quando vem acompanhado de uma oração subordinada substantiva reduzida de infinitivo:

Falta / pronunciarem-se *as autoridades*.

Nota-se, aqui também, a tendência à auxiliarização com a conseqüente pessoalização (e a freqüente antecipação do sujeito):

*As autoridades* faltam pronunciar-se.

Trata-se de construção com abonação literária entre os modernos, embora seja recomendável o uso unipessoal de *faltar*.

O caráter de auxiliar do verbo *poder* é, provavelmente, o resultado da antecipação do sujeito da subordinada reduzida de infinitivo:

Pode (=é possível) / *ela* vir hoje

*Ela* pode vir hoje

Essa interpretação é confirmada pela existência da construção popular: *Pode que ela venha hoje* (= *pode ser que*, com elipse de *ser*). Acrescente-se, ainda, que o verbo *poder* procede do latim vulgar \**potere*, em substituição ao clássico *posse*, contração de *potis esse*, "ser capaz" (portanto, com a presença de *esse*).

Igualmente dignos de nota são os casos em que verbos pessoais se tornam impessoais em virtude da omissão do sujeito, com a possibilidade de passar a adjunto adverbial, o qual pode, eventualmente, apagar-se. O primeiro exemplo a apontar é o do verbo *dar*, nas acepções de "soar (horas)" e de "produzir".

Com referência a horas, o verbo *dar* é, inicialmente, pessoal:

*O relógio* deu onze horas.

Como a frase traduz uma impressão recebida, de causa sem grande importância, dá-se a omissão do sujeito, que pode pospor-se ao verbo, em função de adjunto adverbial. Obtém-se, assim, um processo de impessoalização:

Deu onze horas (*no relógio*).

Por sua vez, o objeto direto, indicativo da hora, é tomado como sujeito (dada a sinonímia de *dar* com *soar*) e verifica-se a pluralização em função da concordância:

Deram onze horas (*no relógio*).

Chega-se, dessa forma, a uma nova pessoalização, diferente da primitiva<sup>3</sup>. Cabe acrescentar que coexistem as três construções.

Na acepção de "produzir", ocorre um processo semelhante. Tem-se, inicialmente, a construção:

*Essa terra* dá muito inço.

Como o sujeito indica espaço de grande extensão, adquire valor locativo e passa a adjunto adverbial regido pela preposição *em*, o que torna o verbo impessoal:

Dá muito inço *nessa terra*.

Assinale-se que esta última construção também não exclui a possibilidade de uso da primitiva.

Fenômeno muito semelhante a este último deu-se com o verbo *haver*, no sentido de "existir". Cabe, contudo, salientar que, neste caso, o processo ocorreu no baixo latim e foi herdado por algumas línguas românicas, entre as quais o português.

Numa frase como *Domus habet multum vinum*, o sujeito expressa um conceito inanimado, em conseqüência do que a idéia de posse expressa pelo verbo se enfraquece, para dar lugar à de existência. Estabelece-se uma sinonímia entre essa construção e a de *Domi est multum vinum*. Em virtude desse paralelismo, o sujeito da construção primitiva passa a locativo: *Domi habet multum vinum*<sup>4</sup>.

Transcrevemos, abaixo, uma passagem de J.M.Câmara Jr., no *Dicionário de Lingüística e Gramática*, em que a mesma explicação é apresentada:

"(...). A impessoalidade do verbo existencial *haver* resultou de ter passado a complemento de lugar o nome que era inicialmente sujeito da oração, enquanto *habere* "ter, possuir" sofria uma evolução semântica para "existir": numa frase do tipo – *A carniça havia ossos* (...), o sujeito (*a carniça*) passou a complemento de lugar com a preposição *em* (port. mod.: *Na carniça havia ossos*.(...)" (s.v. *impessoalidade*, p.143).

A restrição a fazer a essa passagem é que Mattoso Câmara apresenta o fenômeno (pela exemplificação) como tendo ocorrido em português, quando, na verdade, se trata de construção herdada, como o mostramos acima.

O verbo *facere*, com sujeito inanimado que expressa tempo (*tempo, noite, estação*), perde, também, seu significado ativo, convertendo-se em verbo de

existência. O caráter vago do sujeito provoca a sua omissão e obtém-se a construção: *nunquam fecit tale frigus, (...)*<sup>5</sup>, origem das expressões impessoais *faz frio, calor*, etc., igualmente herdadas.

Com relação aos usos de *haver* / *fazer* com valor temporal, é interessante notar a passagem da construção justaposta à conjuncional. Partamos de uma exemplo com o verbo *haver*, a título de ilustração:

Não o vejo *há quatro dias*.

A expressão temporal *há quatro dias* (oração subordinada adverbial temporal justaposta) pode ser realçada de duas maneiras. Podemos deslocá-la para o início do período:

*Há quatro dias* não o vejo.

Outra possibilidade é torná-la oração principal (do ponto de vista sintático), caso em que a seguinte vem precedida do elemento subordinante por excelência, a partícula *que*:<sup>6</sup>

Há quatro dias *que* não o vejo.

As mesmas considerações são válidas para o verbo *fazer*.

Acrescente-se, ainda, que os dois verbos transmitem aos auxiliares que os acompanham a sua impessoalidade:

*Deve haver* homens capazes

*Deve fazer* quatro anos que não o vejo

Os verbos *dar* e *haver* (=existir), impessoais, exemplificam construções em que a impessoalidade resulta da mudança de função do sujeito da estrutura primitiva. Convém assinalar que a alteração de funções em estruturas derivadas é mais geral em nossa língua. Por exemplo, o verbo *custar*, seguido de objeto indireto e de infinitivo (regido ou não de *a*), é unipessoal:

Custa-*me* (*a*) crer.

No português do Brasil, provavelmente a partir do modelo *demorar* / *tardar* + *a* + infinitivo, deu-se a pessoalização:

(*eu*) Custa *a* crer,

com passagem do pronome pessoal oblíquo (objeto indireto na construção originária) a sujeito.

Outro grupo interessante é o constituído de verbos de sentimento (e fenômenos psíquicos), como *admirar*, *enfasiar*, *doer*, *alegrar*, *esquecer*, *lembrar* e outros. Aqui, são razões semânticas que determinam o uso pessoal ou unipessoal: se se interpreta que o sujeito experimenta de modo ativo o conteúdo verbal, utiliza-se a construção pessoal; se o sentimento expresso pelo verbo parece impor-se ao indivíduo como uma força estranha, emprega-se a construção unipessoal:

*Admiro-me* (=sinto admiração) de que ele diga isso

*Admira-me* (=causa-me admiração) que ele diga isso

O cruzamento das duas construções pode gerar uma frase impessoal:

*Admira-me de que ele diga isso.*

Constitui, também, fenômeno mais geral em português o cruzamento de construções que pode originar usos impessoais. Comentaremos, abaixo, alguns casos curiosos.

Os verbos *esquecer e lembrar*, associados por antonímia, apresentam quatro possibilidades de regência, das quais destacamos as duas seguintes:

Alguém se *esquece* de um incidente  
Um incidente *esquece* a alguém (unipessoal)

O cruzamento dessas regências gera a construção impessoal *esquecer a alguém de*: "Esquecera-lhe de perguntar a morada do Fonseca" (Machado apud Luft, C.P. – *Dicionário*, s.v. *esquecer*, p. 278).

Alguém se *lembra* de algo  
Algo *lembra* a alguém (unipessoal),

com o conseqüente cruzamento *lembrar a alguém de algo* (impessoal):

"... só muito abaixo é que me lembrou de ver as horas" (Machado, apud Luft, C.P. – *op. cit.*, s.v. *lembrar*, p. 351).

Ainda relativamente a esses verbos que expressam fenômenos psíquicos, notam-se, em virtude de aspectos semânticos ou associações formais, construções impessoais, que vão estender-se, por analogia, a outros verbos. Por exemplo, o verbo *pesar* pode ser empregado como unipessoal:

Não me *pesa* ter ficado.

O valor causal da preposição *de* ou a influência de regências como *remorso / mágoa / pesar de* devem ter contribuído para a posterior impessoalização:

Não me *pesa de* ter ficado.

Por analogia com esta última construção, temos *doer a alguém de*:

*Dói-me de* vos haver ofendido,  
*e pejar a alguém de*.

Todos os casos discutidos neste artigo não visam a esgotar o assunto, e sim apresentar um quadro a partir do qual se pode tentar uma sistematização inicial.

Partimos de estruturas básicas (correspondentes a frases efetivamente realizadas) para estruturas derivadas.

Nos diferentes blocos de verbos apresentados destacam-se, basicamente, dois processos responsáveis pela impessoalização/unipessoalização ou pela pessoalização: a permuta de constituintes (com possíveis mudanças de função) e os cruzamentos sintáticos, o que mostra que os mecanismos explicativos da (im)pessoalização verbal são, na realidade, bastante simples. Acrescentemos, ainda, que os verbos de um determinado bloco, apesar de um ou mais traços em comum, não têm um comportamento homogêneo; por exemplo, os verbos *haver* (=existir) e *dar*

(=soar) apresentam a característica comum de apagamento do sujeito, que passa a adjunto adverbial, mas enquanto *dar* pode recuperar a pessoalização, o mesmo não ocorre com *haver* (pelo menos, em língua culta formal).

Encerrando nossas considerações, convém insistir no caráter acentuadamente dinâmico do fenômeno aqui examinado, pois as passagens de uma construção a outra não significam que a construção primitiva tenha caído em desuso; pelo contrário, trata-se de um processo por via de regra reversível, o que permite ao usuário da língua escolher uma ou outra estrutura, em função de sua força expressiva.

### NOTAS

1. Cf. *Grammaire des Langues Romanes* – t. III: *Syntaxe*, §§ 99 (p.116 – 117) e 100 (p. 117-118).
2. Cf. Barreto, M. – *Novos Estudos da Língua Portuguesa*, p. 212.
3. Cf. Barreto, M. – *Através do Dicionário e da Gramática*, p. 357-361. O autor assinala que essas observações são extensivas aos verbos *bater* e *soar*.
4. Cf. Bassols de Climent, M. – *Sintaxis Histórica de la Lengua Latina* (t.II), p. 82-83.
5. Cf. Ernout, A. Meillet, A. – *Dictionnaire Étymologique de la Langue Latine*, s.v. *facio* (p. 210).
6. Não é pacífica a análise dessa construção; várias explicações têm sido propostas. Para uma síntese das diversas posições, consultem-se as *Lições de Português pela Análise Sintática*, de E. Bechara (p. 139-140).

### BIBLIOGRAFIA

- BARRETO, Mário. *Através do Dicionário e da Gramática*. 4. ed. Rio de Janeiro, Presença, 1986.
- \_\_\_\_\_. *Novos Estudos da Língua Portuguesa*. 3.ed. Rio de Janeiro, Presença, 1980.
- BASSOLS de CLIMENT, M. *Sintaxis Histórica de la Lengua Latina*. Barcelona, Escuela de Filología, 1948 (t. II,1).
- BECHARA, Evanildo. *Lições de Português pela Análise Sintática*. 11. ed. Rio de Janeiro, Grifo, 1978.
- CÂMARA JR., J. Mattoso. *Dicionário de Lingüística e Gramática*. 7. ed. Petrópolis, Vozes, 1977.
- ERNOUT, A. MEILLET, A. *Dictionnaire Étymologique de la Langue Latine. Histoire des mots*. 4. éd. Paris, Klincksieck, 1979.
- LUFT, Celso P. *Dicionário Prático de Regência Verbal*. São Paulo, Ática, 1987.
- MEYER-LÜBKE, W. *Grammaire des Langues Romanes*. Paris, G. E. Stechert, 1923 (t.III).

\*\*\*